

O DEVENIR

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	3
1. A MORTE	7
2. OS ELEMENTAIS	9
3. A VIDA INTERNA DA TERRA.....	11
4. O MUNDO ASTRAL.....	12
5. AS DIVISÕES ASTRASIS	14
6. O MUNDO MENTAL.....	16
7. A GRUTA DE RAS	17
8. OS MUNDOS DOS DEVAS	18
9. O SER HUMANO COMPLETO.....	19
10. DO SER HUMANO AO COSMO	21
11. FATALISMO E ORIENTAÇÃO.....	22
12. O DESTINO	23
13. A GRANDE ILUSÃO.....	25
14. A LIBERAÇÃO.....	26
15. A REENCARNAÇÃO.....	28
16. O DESCENSO À TERRA.....	29

INTRODUÇÃO

O Devenir

O curso *O Devenir* foi escrito pelo Sr. Santiago Bovisio (Dom Santiago), fundador de Cafh, no final da década de 1930 e reúne os conhecimentos da tradição esotérica e os que de forma pessoal ele recebeu e desenvolveu. Estes conhecimentos constituem um conjunto de ensinanças que relacionam o mundo que não percebemos com a percepção que definimos como nossa realidade. Este curso não nos é dado como um instrumento de fé, mas como um meio para estimular nosso interesse, nossa reflexão e, sobretudo, como um meio para ampliar e aprofundar nossa concepção do mundo e da vida.

A Ensinança de Cafh inclui cursos, como este, que tratam aspectos da realidade que a maioria de nós não percebe, e também outros cursos baseados em conhecimentos que o adiantamento da ciência e da experiência nos proporcionam. Os primeiros ampliam nossa visão da vida com descrições alternativas possíveis do mundo em que vivemos e do que podemos encontrar depois da morte. Os segundos nos dão bases sólidas para trabalhar em nosso mundo de todos os dias, para avaliar esse trabalho, e também para ajustar nossa visão da realidade de acordo com as descobertas cuja veracidade podemos verificar.

Existe evidência experimental da existência de um mundo que não percebemos? As ciências físicas e matemáticas observam, mensuram e descrevem, em muitos casos, uma realidade que nem vemos, nem tocamos, nem ouvimos, nem temos como saber que existe a não ser por inferência. Nossos olhos vêem somente uma pequena fração das radiações da luz que atravessa o universo. Os instrumentos dos astrônomos nos permitem observar numerosas radiações diferentes que, por inferência, tornam evidente a presença de um cosmo gigantesco do qual o universo visível é somente uma parte. No entanto, os cientistas não puderam ainda observar nem contatar experimentalmente outras formas de vida, como as que o curso *O Devenir* descreve.

Qual é a evidência do que se descreve neste curso?

Não há evidência de laboratório, científica, em termos do conhecimento corrente, sobre essa descrição. Na condição atual de nossa percepção, parece que o instrumento para perceber esses aspectos da realidade é o próprio estudante. As ensinanças de *O Devenir* nos tornam receptivos a estas possibilidades em nossa percepção da realidade.

Os mundos da ciência

As conquistas científicas do presente também abrem caminho a novas possibilidades de percepção. Pouco a pouco estão expandindo a experiência do tangível além do que as civilizações conhecidas alcançaram até agora. Universos invisíveis, relatividade do tempo, existência experimental de uma partícula em dois lugares ao mesmo tempo, contato com a radiação residual da origem do universo, comunicação global instantânea, exploração interplanetária pessoal ou por meio de robôs, fotografia da superfície marciana, sondas em Vênus, exploradores mecânicos que saem do sistema solar e se perdem no espaço estelar... e com respeito à investigação biológica, o genoma humano, a clonagem, a medição e exploração em laboratório de todas as funções do corpo humano, a fertilização *in vitro*; assim como a investigação do fenômeno da morte, do mundo dos sonhos... Muitos destes adiantamentos, há alguns anos, teriam soado mais estranhos que os mundos descritos em *O Devenir*. Nesta análise do que “não vemos”, não esqueçamos tampouco os estudos da psicologia paranormal,

das investigações dos efeitos da meditação na mente e na conduta e das conexões entre a enfermidade mental e o equilíbrio hormonal e químico do corpo.

A ciência está nos aproximando mais que nunca do mistério da vida. O mapa do universo que se está desenhando se expande continuamente.

Cafh na cultura da humanidade

Quando, ao fazer uma descrição do conhecimento, chegamos ao campo da exploração da mente, deparamo-nos com os grandes mistérios da existência: a experiência da vida, o destino, o passado durante o qual existiram inúmeros seres e ao qual pouco a pouco nos integramos à medida que nossa vida transcorre para, finalmente, desaparecer no mistério da morte.

Desde a antiguidade mais remota almas adiantadas no caminho espiritual legaram a seus discípulos e a futuras culturas as descrições do universo e do ser humano que elas descobriam com a ajuda de suas disciplinas e de suas experiências.

Os fundadores das grandes religiões ensinaram alguns aspectos da sabedoria de todos os tempos. Essa sabedoria se encontra nas religiões atuais, ainda que pareça contraditória e até antagônica quando comparamos umas versões com outras, devido às alterações ocorridas nesse saber através dos tempos.

Na atualidade algumas conseqüências dessas alterações costumam nos chamar a atenção; por exemplo, tergiversações que podem ser encontradas em versões extremas e fanáticas de grandes movimentos de idéias e concepções. Por um lado, o materialismo, o consumismo, o hedonismo, as desigualdades na distribuição da riqueza e, por outro, os extremismos e os fanatismos de credo sobre o que é verdadeiro ou falso, sobre o bem e o mal, sobre o que é justo ou injusto.

Temos descuidado, dentro da equação compreensiva, a grande visão da filosofia e do conhecimento esotérico que nos descreve um universo infundido pelo espírito, a ordem e a sabedoria. Há várias razões para que isto ocorra, entre elas as perseguições guerreiras expansionistas, o incêndio da biblioteca de Alexandria que continha 700.000 volumes da sabedoria filosófica e científica de Roma, Grécia, Índia e Egito; a ruptura das comunicações entre Oriente e Ocidente e o predomínio das ensinanças de Aristóteles, que, diferentemente de seu Mestre Platão, enfatizou o mundo dos sentidos e das experiências sensoriais.

Aspectos da tradição esotérica apareceram na Caldéia, Pérsia e Babilônia, e também nas ensinanças de Zoroastro. O Egito foi o depositário da tradição da sabedoria durante séculos; a Kabalah e o Zohar dos hebreus contêm seus princípios. No oriente, encontramos preceitos da antiga sabedoria no confucionismo, no budismo e nos ensinamentos de Lao-Tse e Shankara.

Platão, Pitágoras e Plotino iniciaram seus discípulos em princípios dessa sabedoria nas escolas da antiga Grécia. Os primeiros cristãos gnósticos mantiveram muitos dos princípios da sabedoria antiga e existe evidência nos Evangelhos e nas Epístolas de que Jesus ensinou a seus discípulos diretos muito mais do que transmitiu publicamente e que ele mesmo estudou na escola esotérica dos Essênios.

As origens de ensinanças como as de *O Devenir* devem ser buscadas na antiguidade, no templo de iniciação do Egito. Entretanto, a documentação histórica não segue a ortodoxia moderna senão que é antes conhecimento transmitido de geração em geração, através de um grande sacrifício e de uma dedicação abnegada de sábios e santos, para manter viva a sabedoria esotérica.

As ensinanças desses tempos se chamam esotéricas porque, para evitar o risco de sua destruição, eram confiadas somente a uns poucos estudantes adiantados e fiéis; eram mantidos ocultas dos demais seres humanos.

Desde a escola de iniciação no Egito e ao longo da história, os sábios da Grécia, os guias espirituais da Índia e das Américas pré-colombianas, os pensadores, os sacerdotes e os Mestres de todos os tempos, continuaram transmitindo seu saber de geração em geração.

Durante o século XIX e princípios do século XX, com a expansão gradual das comunicações, a imprensa de massa e as viagens cada vez mais rápidas de uma parte a outra do mundo, as ensinanças esotéricas começaram a se tornar públicas.

Helena Blavatsky e a Sociedade Teosófica, Max Müller, Ralph Waldo Emerson, os discípulos de Ramakrishna e Vivekananda e, mais recentemente, Yogananda e Suzuki Roshi entre outros, difundiram na Europa e na América um conhecimento que até então havia sido privilégio de uns poucos e praticamente desconhecido no Ocidente.

O conhecimento esotérico na ensinança de Cafh

Dom Santiago estudou essas tradições antigas e, quando fundou Cafh na Argentina em 1937, deu expressão a essa tradição com elementos da cultura espiritual desse lugar e dessa época. Criou assim um veículo para a transmissão do conhecimento esotérico, do mundo e da vida, junto com um método que permite verificar interior e pessoalmente o que essa ensinança afirma. Nesta introdução nos ocupamos do conhecimento esotérico que Dom Santiago transmitiu, sem esquecer que ele nos ensinou a estudar e a aplicar a ensinança em nossas vidas. Não enfatizou o interesse por experiências fenomênicas, que às vezes são confundidas com conhecimento esotérico; antes nos guiou para afastar-nos delas e nos estimulou a concentrar o trabalho espiritual na expansão do estado de consciência e no aprofundamento da participação.

As ensinanças de Cafh que tratam de temas sobre mundos superiores e o que ocorre depois da morte – como as do curso *O Devenir* – têm alguns elementos comuns às descrições que nos chegaram da sabedoria da antiguidade e ao que dizem textos agnósticos e teosóficos. No entanto, diferem em outros, já que expressam o que Dom Santiago percebeu e experimentou diretamente, e assim o descreveu. Ao estudar estas descrições de aspectos desconhecidos da existência, abre-se para nós um campo ilimitado de exploração.

Mas não é bom nos deixar levar pela ilusão que nos faz crer que o que um livro afirma é certo pela autoridade de quem o escreve. Ao nos dar um conhecimento novo, as ensinanças nos dão instrumentos para constatar, investigar e experimentar. O conhecimento adquirido somente através do recebimento de informação não há de ser artigo de fé.

As ensinanças de Cafh, sem impor como dogma o que nos apresentam, sem negar o que outros afirmam ou descubrem e dando-nos instrumentos de trabalho interior, pouco a pouco nos revelam uma mensagem que é inclusiva: todas as grandes religiões e caminhos espirituais contêm descrições da realidade última que nos ajudam a compreender, a amar e a desenvolver-nos.

Os Filhos e as Filhas somos fiéis à doutrina de Cafh e adotamos o Método de vida que Cafh nos oferece como o mais adequado para nós; ao mesmo tempo, respeitamos todas as religiões e caminhos espirituais, pois reconhecemos a presença divina revelada na sabedoria de todos os tempos.

Mas, sobretudo, os membros de Cafh valorizamos a intenção que move aquele que busca o saber: quem usa seus dotes e seu conhecimento para o bem de todos é uma verdadeira bênção para este mundo tão necessitado de compreensão, amor e ação desinteressada.

Encerremos esta Introdução com a seguinte citação:

.....

*Por sobre a montanha de males e sofrimentos
um pássaro livre plana e plana sempre mais alto,
no ar mais puro e mais feliz.
Da nuvem mais lúgubre da imperfeição
parte sempre para diante um raio de luz perfeita,
um fulgor da glória celestial.
Da discórdia de modas e costumes,
do louco estrondo próprio de Babel, das ensurdecedoras orgias,
suavizando cada pausa, ouve-se apenas uma melodia
que vem de alguma distante margem onde ressoa o coro final.
Oh, benditos olhos, corações ditosos que vêm,
Que conhecem o fio condutor muito delicado
Ao longo do poderoso labirinto.*

.....

Walt Whitman, Canto ao Universo, Poema N° 1968

A MORTE

Primeira Ensino

Para o materialista a morte talvez seja um ponto negro, um estalido de sensações, um vazio e nada mais. Para o religioso a morte pode ser a passagem para uma vida superior, mais perfeita e feliz. Mas ninguém sabe responder com exatidão as perguntas fundamentais: De onde se vem? Por que se está aqui? Para onde se vai depois da morte?

Se se considera o universo como um maravilhoso conjunto harmônico que segue um plano de evolução para chegar a Ser, abre-se um horizonte mais vasto aos olhos do investigador e se tem um vislumbre do porquê deste contínuo devenir.

A morte pode se produzir de três formas: morte violenta, morte natural e morte extática.

Todas as religiões dão como primeiro mandamento o “Não matarás”. Também reprovam os suicídios e os fatos sangrentos. Consideram muito doloroso morrer violentamente, ainda que fosse por acidente.

A morte violenta separa repentinamente o corpo astral do corpo físico. Aqueles que morrem por acidente ou por suicídio voltam continuamente do plano etéreo ao plano físico. A morte violenta não lhes permite estabelecer, em seu novo corpo, uma gravitação harmônica que os sintonize com a vibração do estado no qual entraram. Como não têm corpo físico para manifestar suas sensações grosseiras nem disposição suficiente para afastar-se dali, estão como que em suspensão; crêem estar vivos ainda, sem se dar conta de que passaram a formar parte de um novo estado de consciência. Estes seres sofrem por este motivo. Voltam ao lugar onde ocorreu sua morte, enquanto os acontecimentos que a precederam se refletem e repetem em seus corpos astrais. Os Protetores Invisíveis não podem fazer muito por eles, porque costumam rejeitar seu auxílio. Padecem porque estão fora das leis gerais que regem os seres sutis. Se o ser que morre violentamente não tem um certo adiantamento espiritual, prolonga esse martírio. A paixão o atrai ao mais grosseiro, o mais grosseiro o carrega de partículas materializantes, e prolonga assim essa vida que não é vida. Somente quando se gasta por completo a substância material de seu corpo etéreo, libera-se desse sofrimento e pode entrar em um sono apazível. Os seres mais adiantados, ainda que morram de forma violenta, podem terminar mais rapidamente essa situação porque têm o hábito de orientar seus pensamentos para um ideal espiritual. Isto também ocorre com os que morrem por uma causa nobre.

Diz a Sagrada Escritura que é tranqüila a morte do justo aos olhos de Deus. Quer dizer que uma morte natural há de ser o desejável para todos. Quem não desejaria morrer como aqueles que quando sentem chegar o momento da morte se dispõem a ela com serenidade, com resignação, com paz?

Uma longa enfermidade predis põe o ânimo do moribundo e desmaterializa seu envoltório físico com antecipação. O enfermo se acostuma facilmente às novas vibrações, escuta com docilidade os guias invisíveis e mansamente se deixa levar para o novo mundo.

O ser familiarizado com os temas espirituais desenvolve facilmente os sentidos astrais ao chegar a hora da morte. Há casos notáveis de moribundos que asseguram estar rodeados de santos, protetores e parentes já falecidos; ou que ouvem vozes misteriosas convidando-os para o além. Às vezes eles mesmos aparecem simultaneamente em diversos lugares para diferentes pessoas.

Alguns seres fortes e adiantados espiritualmente abandonam seu corpo físico quando crêem que chegou sua hora e que terminaram sua missão. Esta morte se produz por êxtase.

Através da concentração mental se levanta um caudal de energia vital de tal magnitude que o corpo físico, ao não poder tolerá-la, separa-se do corpo astral e morre. Estes casos são excepcionais na atualidade. No entanto, essa será a modalidade de morte dos seres futuros. Quando uma veste está velha deve-se deixá-la e tomar uma nova.

A morte não ocorre quando o coração deixa de bater; produz-se somente depois que se corta o cordão astral. Este é um fio prateado que vincula o corpo astral com o corpo físico. Quando este fio se corta produz um pequeno estalido com centelhas, como ocorre quando há um curto-circuito numa instalação elétrica. Muitas vezes o corpo físico já está frio e o corpo astral ainda não se separou dele. Em certos casos passam dias antes que ocorra essa separação.

Os Evangelhos dão um exemplo admirável deste fenômeno. Quando Jesus chegou à casa de Marta e Maria em Betânia, chorou ao ser informado da morte de Lázaro, ocorrida três dias antes. Por que chorou Jesus se tinha o poder de ressuscitá-lo? Porque se o cordão astral de Lázaro já estivesse cortado, Jesus não teria podido fazer o espírito retornar ao corpo. Jesus fez o milagre de devolvê-lo à vida porque seus olhos videntes perceberam que o corpo astral de Lázaro ainda estava unido a seu corpo físico.

A separação definitiva dos dois corpos geralmente ocorre sete minutos depois que cessaram as batidas do coração. O corpo astral flutua como uma vaga neblina a uns três metros do cadáver; depois se eleva lentamente, sutaliza-se e harmoniza com o estado que lhe corresponde.

Assim que se produz a morte, o ser recorda velozmente todos os fatos de sua vida passada. A Lei de Predestinação Consecutiva exige este grande exame retrospectivo para que o ser possa seguir adiante. Este exame, chamado “Juízo de Deus” pelas religiões, dá como resultado um novo estado com vibrações mais sutis ou mais densas, de acordo com a forma em que se viveu.

O pranto, os suspiros e os gritos das pessoas que acompanham os moribundos são prejudiciais. Só o silêncio e a ausência de todo pensamento adverso devem acompanhar o ser humano na última hora.

As orações, os cantos sagrados, os círios e as flores, se forem acompanhados de nobres sentimentos, são sempre de utilidade e de estímulo.

Onde a lei permitir, convém que o enterro se realize três dias depois da morte. Da mesma forma, onde a lei permitir, os que desejem a cremação do corpo é recomendável que disponham para que não se realize antes de oito dias depois do falecimento.

De qualquer modo que se produza a morte, sua chegada sempre marca uma hora solene. Talvez seja a mais solene de todas as horas porque é um passo mais rumo ao chegar a Ser.

OS ELEMENTAIS

Segunda Ensino

A lenda antiga apresenta os elementais criados por Prithivî, o elemento terrestre, como seres diminutos, com longas barbas e aspecto grotesco. A fantasia popular os rodeia de histórias e mistérios, chamando-os anões, duendezinhos, gnomos. Se bem que às vezes costumam materializar-se, não são visíveis para os seres humanos com visão comum.

Gabriel, representado na figura do Arcanjo que leva um lírio na mão, e chamado Indra na mitologia hindu, governa os elementais criados por Prithivî.

Os elementais da Terra são os guardiões dos movimentos terrestres, do crescimento da vegetação e da reserva das terras que não hão de ser contaminadas pelos seres humanos.

Em “Os Nibelungos”, de Richard Wagner, os anões guardam numa gruta escura e profunda o tesouro sagrado que ninguém pode tocar. Esta obra descreve através da lenda, uma das missões dos elementais da Terra, que é a de cuidar e preservar certos lugares magnéticos da Terra. Na província argentina de La Rioja, por exemplo, há um lugar que não pode ser visto pelos seres humanos. É vigiado por elementais da Terra que com toda certeza se materializariam aos olhos de qualquer pessoa que se aproximasse desse lugar, afim de não deixá-la passar.

Devido a que o ser humano tem mente própria e os elementais têm mente coletiva, os elementais da Terra obedecem cegamente aos magos que se dedicam à prática de dominá-los.

Os elementais da Terra se dividem em grupos para cumprir sua função. Dirigem principalmente as transformações dos metais. Quando o conde de Saint Germain mostrou a um amigo as arcas onde guardava ouro, pedras preciosas e metais de valor incalculável, o visitante perguntou-lhe como havia conseguido juntar tantas maravilhas. O conde respondeu, rindo maliciosamente, que elas lhes tinham sido trazidas por seus servidores da Terra.

Apas, o elemento da água, também cria elementais. Governa-os o Arcanjo Rafael, chamado Varuna na mitologia hindu. Na Bíblia refere-se que Rafael presenteou Tobias com o peixe maravilhoso.

Os elementais da água regem o movimento rítmico das águas, das chuvas, das tormentas elétricas e das tempestades. Se as formas desses elementais pudessem ser materializadas, seriam vistos como ondinas sugestivas, sereias encantadoras e ninfas diáfanas. Suas imagens também poderiam ser vistas nas formas e nas cores variantes das nuvens, às quais se presta tão pouca atenção. Os elementais da água são muito resistentes a se aproximar dos seres humanos; se o fazem é para destruí-los. Para dominar os elementais da água é necessário ter uma Roda Controle a toda prova. Jesus, o forte, dominava-os e por isso podia caminhar sobre as águas.

Tejas cria os elementais do fogo: as luminosas salamandras, os sátiros ardentes e as terríveis erínias. Estes elementais adoram o valente e repudiam o covarde. Qualquer alma forte pode dominá-los. Por isso os santos que não temiam a morte podiam caminhar sobre as brasas e cruzar as chamas sem se queimar, como ainda o fazem no Japão e na China os xintoístas adoradores do fogo.

Os elementais do fogo amam os seres humanos, mas sacrificam imediatamente os medrosos. São verdadeiros servidores do forte Arcanjo Miguel e do sempre valoroso e resplandecente Agni.

Vâyu, o elemento do ar, cria as formas dos silfos, os fantasmas e as larvas errantes. Dirige-os a entidade conhecida como Arcanjo Serafiel, chamado também O Corredor.

Os elementais do ar não são nem amigos nem inimigos dos seres humanos, mas fogem deles constantemente. São muito úteis para os magos que podem dominá-los, pois os servem cegamente e cumprem seus mandados com fantástica rapidez. Afastam-se velozmente quando se os deixa em liberdade, pois seu único anseio é vagar e vagar. Shakespeare os descreveu insuperavelmente no personagem Ariel, de “A Tempestade”.

Os elementais do ar costumam revestir-se com os cascos humanos e animais que pululam no sétimo plano do mundo astral. Tomam corpo das escórias etéreas e astrais dos que progrediram em sua evolução. Azrael, chamado o deus da morte, procura bondosamente que essas escórias se dissolvam e se reintegrem ao Éter Cósmico. Mas, quando já tomaram força tal que resistem à desintegração e podem progredir, Azrael ajuda os elementais para que formem uma morada digna de ser habitada amanhã por uma mente humana.

A Hoste da Sombra governa os seres elementais e os tem circunscritos dentro de seu campo magnético. Deste modo evita que façam mal aos seres humanos que não os conhecem e não podem percebê-los.

A VIDA INTERNA DA TERRA

Terceira Ensinança

Em tempos da raça Atlante um fogo nítrico criava um imenso calor no interior da Terra. A atmosfera estava coberta por densas nuvens e vapores que impediam que o planeta recebesse o calor do sol. A vegetação crescia por efeito do calor interno. Por isso as raízes, exuberantes e suculentas, eram a parte mais desenvolvida dos vegetais. Em troca as flores eram de cores pobres e não tinham perfume.

O calor interno da Terra também sustentava a vida nas profundezas dos mares e oceanos.

As grandes comoções sísmicas, os afundamentos e as elevações dos continentes sepultaram as camadas de vegetação sob verdadeiras abóbadas. Ali ficaram enterrados os restos dos monstros antediluvianos e dos esqueletos atlantes, à espera de que outros movimentos similares os devolvam à superfície.

As fermentações e os gases produzidos pelo calor interno formaram os depósitos de hulha. A temperatura e as condições atmosféricas atuais não poderiam reproduzir este fenômeno. Sob esses depósitos há enormes jazidas de ouro, oricalco, platina, cobre, manganês e outros minerais. Mais abaixo se encontram cavernas luminosas formadas por basalto produzido pela lava dos vulcões da época dos lêmures, dos atlantes e da época de transição silúrica.

Nessas profundidades, as cores do Grande Elemento, vivificadas pela ação terrestre em conjunção com a ação solar que penetra até ali, produzem cenas fantásticas de luzes e cores com uma harmonia difícil de imitar, desde o amarelo de Prithivî até o azul de Vâyü.

No interior da Terra existem seres semicegos, semiconscientes, deformes e totalmente instintivos. São restos de raças lemurianas que ficaram sepultadas nessas imensas galerias e que foram degenerando paulatinamente no decurso dos milênios.

Em seu livro “A Raça Futura” Bulwer Lytton descreveu elementais benéficos e poderosos que vivem nas profundezas da Terra. No entanto, não se parecem com os que são mencionados nesta ensinança.

Ainda mais para o interior da Terra encontram-se grandes corredores que inspiraram a construção das tumbas faraônicas. São verdadeiras câmaras onde mora a Rainha do Planeta, a todo-poderosa Prithivî, a Mãe Bhûmi: a essência potencial vegetativa que dá vida à Terra.

No centro do planeta ainda se mantém o fogo, espírito vital da Terra. Deste fogo central se desprendem globos ígneos que percorrem os misteriosos corredores e câmaras internas, subindo paulatinamente pela espinha dorsal do Planeta até a superfície, para unir-se com os raios solares e estimular a vida natural.

Quando essa chama se houver consumido totalmente o planeta morrerá com um estalido. A essência vital da chama passará então para outro centro negativo do universo para dar vida a um novo mundo.

O MUNDO ASTRAL

Quarta Ensinança

A cada hora que passa, milhares de almas abandonam seus corpos. Enquanto as fossas abertas recebem os corpos físicos, o pensamento dos que sobrevivem golpeia sobre as tumbas com uma angustiada pergunta: Para onde foram?

Que desconsoladora é a morte para os que acreditam que tudo desaparece quando o corpo físico morre!

A morte desconsola mesmo os que têm fé na vida depois da morte porque temem a condenação eterna. As religiões asseguram a existência feliz depois da morte só em troca da submissão absoluta a suas crenças.

Nos últimos tempos a parapsicologia e outros ramos da ciência contribuíram com algumas experiências e estudos valiosos para demonstrar que depois da morte subsiste uma parte sutil do ser. Inclusive foram publicados livros com o testemunho de pessoas que tiveram experiências a esse respeito. O vidente pode remontar-se com facilidade aos planos superiores e conhecê-los diretamente.

Nesta Ensinança são descritas as etapas que os seres humanos comuns percorrem depois da morte. Não se fala aqui dos seres muito evoluídos.

Ao morrer, depois dos primeiros momentos de desequilíbrio, o ser passa para o estado astral. O primeiro que descobre é uma gravitação diferente. Quer caminhar e não pode; mas pensa em caminhar e anda tão rapidamente como se voasse.

A parte inferior do mundo astral é um mundo de cores estranhas, de imagens pavorosas, de sons lamuriantes; um verdadeiro inferno dantesco. É aqui onde se apresentam ao ser as primeiras dificuldades. Os corpos etéreos dos elementais, dos espíritos da natureza e dos seres pouco evoluídos chocam-se continuamente entre si, produzem estalidos e mudam o aspecto da paisagem fantasmagórica tão rapidamente como se sucedem suas grosseiras sensações. Os que, durante sua vida acreditaram na existência de castigos depois da morte, imaginam ter chegado ao lugar de tormento. Sua aflição é tão intensa que sofrem como uma segunda morte.

Depois desta experiência, a alma desencarnada passa para o estado de sono astral. Uma vez que tenha abandonado seu corpo etéreo, os Protetores Invisíveis fazem com que esqueça tudo para que, depois de certo tempo, possa passar aos planos superiores.

É muito daninho evocar com fortes pensamentos a alma de um defunto que já entrou neste estado, porque o ser desperta e acode ao chamado, com grave atraso de seu adiantamento espiritual.

O lugar de descanso astral é tão sagrado que só podem entrar nele aqueles que têm a incumbência de vigiar os que dormem. Nem mesmo as altas entidades podem entrar lá.

Com certeza foram videntes os artistas que idealizaram as imagens que adornam os cemitérios. Os anjos silenciosos cobrem as tumbas com suas asas, como se quisessem amparar o sono do defunto; as inscrições induzem ao recolhimento e evocam o período de descanso das almas desencarnadas.

Depois deste sono os seres despertam para uma nova vida, totalmente esquecidos de suas experiências anteriores. Segundo seu grau de evolução, moram nos planos astrais superiores ou nos do mundo mental, junto a outros seres que têm um adiantamento espiritual similar. Com seus pensamentos criam seu paraíso. Rodeiam-se das paisagens e objetos que mais

desejaram durante a vida. O artista encontra sua obra-prima; o explorador descobre a terra sonhada; o santo chega a seu céu; o rebelde tem seu reino. Todos os desejos são satisfeitos. No entanto, na satisfação dos desejos vai o germe do fastio. A alma começa assim a sonhar com novas possibilidades, até que seus sonhos, cada vez mais persistentes, a impulsionam para uma nova vida no plano físico. É um novo ideal que terá seu despertar sobre a Terra.

AS DIVISÕES ASTRAS

Quinta Ensinança

O universo se baseia num plano septenário. Os estados materiais energéticos e astrais se separam em sete divisões e estas, por sua vez, em subdivisões sucessivas.

Os seres humanos já conhecem cinco elementos materiais: terra, água, fogo, ar e éter. Ainda lhes falta encontrar outros dois para serem donos do mundo material e conhecer a totalidade do Elemento Cósmico.

Aos sete elementos materiais seguem-se imediatamente os sete elementos energéticos. Eles constituem uma superenergia; não estão relacionados com a energia conhecida.

Depois se encontram os sete elementos astrais. Cada um dos elementos fundamentais tem sete subdivisões. Estas, por sua vez, têm sete subdivisões, e assim sucessivamente. Cada elemento astral se diferencia dos outros por sua tônica vibratória. Por isso se mantêm perfeitamente separados um do outro, mesmo estando no mesmo lugar. É algo semelhante ao que ocorre entre o mundo dos seres humanos e o das formigas. Encontram-se num mesmo lugar, mas desenvolvem vidas completamente distintas.

A respeito da dimensão espacial, o estado astral não tem um lugar determinado dentro da Terra nem além da atmosfera, apesar de que é tanto ou mais real do que o estado físico. O estado astral escapa das dimensões terrestres; como suas vibrações são muito mais sutis do que as conhecidas, ele não pode ser limitado da maneira como se pode definir um espaço físico.

Com respeito à dimensão temporal, o tempo astral teria que se chamar duração em vez de tempo. Esse mundo se rege por emoções; por isso a duração do tempo depende do estado de ânimo que se experimenta. Os seres humanos já conhecem a duração variável do tempo quando dizem: “Este momento de dor foi para mim uma eternidade”, ou: “Este instante de alegria passou voando”.

A alta vibração do mundo astral não admite uma dimensão determinada. O tamanho do mundo astral e de seus moradores aumenta ou diminui rapidamente, segundo a duração e a força de concentração do observador.

No mundo astral, então, nada se pode definir como alto ou baixo, grande ou pequeno; as dimensões variam ao compasso da matéria mental empregada para ver. Esta maneira característica de perceber o mundo astral apresenta dificuldades para os estudantes que começam a freqüentar os planos astrais. Por exemplo, eles vêem um animal de feio aspecto e a curiosidade os detém a observá-lo; à medida que o olham o animal aumenta de tamanho, e isso os atemoriza; o temor aumenta a concentração sobre o animal, e isto dá ao animal um tamanho maior. Outro exemplo: o estudante se encontra com um ser querido e ao vê-lo se emociona; a emoção tira serenidade, gasta forças e, por esta causa, ele vê diminuir rapidamente o tamanho do ser amado.

O mundo astral tem sete planos principais e suas subdivisões são incontáveis.

Descrevem-se as divisões do mundo astral só com um fim didático, já que as separações se produzem unicamente pelas diferentes tônicas vibratórias.

No primeiro plano do mundo astral encontram-se as entidades dirigentes, os seres superiores que abandonam o mundo mental voluntariamente para fazer obra no mundo astral.

No segundo plano do mundo astral encontram-se seres sumamente evoluídos. São dirigidos por altas entidades e preparam as obras, os adiantamentos científicos, técnicos e sociais que se desenvolverão na Terra. Os Iniciados do Fogo atuam aqui antes de reencarnar.

No terceiro plano do mundo astral encontram-se os seres fortes e valorosos, as almas intrépidas que sacrificaram sua vida por um ideal, mas que se apegaram demasiadamente a ele. No entanto seu esforço não foi em vão, pois numa próxima reencarnação ampliarão o ideal a que se dedicaram numa vida anterior, até abarcar toda a humanidade.

No quarto plano do mundo astral encontram-se almas evoluídas, mas que não dominaram suas paixões. Elas se preparam lá para atuar de novo no plano físico e dedicar seus esforços às artes.

No quinto plano do mundo astral encontram-se as almas pouco evoluídas, aquelas que depois de um breve descanso têm que voltar à Terra; são seres que se dão muito pouca conta de onde se encontram. Crêem estar no lugar que, em sua vida anterior, sua religião ou suas crenças lhes designaram como morada depois da morte. Este plano tem um colorido cinzento de perene melancolia.

No sexto plano do mundo astral encontram-se os adormecidos. Na paz e no repouso astral eles se despojam de seu corpo astral grosseiro para poder eventualmente se elevar aos planos que lhes correspondem.

No sétimo plano do mundo astral encontram-se os seres de muito escassa evolução espiritual, os criminosos, os recém-desencarnados, os elementais e os espíritos da natureza. Este é o plano que tem mais contato com o mundo físico; aqui se encontram as aparições que as lendas religiosas antigas mencionam, os ectoplasmas que se manifestam nas sessões espíritas.

Os seres de um plano inferior não podem comunicar-se com os de planos superiores; mas os seres de planos superiores podem comunicar-se com os dos inferiores, quando essa comunicação é necessária para realizar uma obra.

O MUNDO MENTAL

Sexta Ensino

A separação entre o mundo astral e o mental é arbitrária e se faz unicamente com um fim didático. Se se quisesse representar a diferença entre o mundo astral e o mental, poder-se-ia dizer que um é a flor e o outro seu perfume, que um é a nota e o outro seu som.

Todos os seres que moram no mundo astral recebem uma influência direta do mundo mental, ainda que com diferente densidade, de acordo com o plano a que pertencem.

Os seres do segundo e terceiro plano astral moram verdadeiramente no mundo mental. Quando concentram sua vontade passam para o mundo astral; quando ampliam sua consciência passam para o plano mental. Para eles o dia, a vigília, é o mundo astral; a noite, o sono, é o mental.

Os seres do sétimo, sexto, quinto e quarto plano astral também passam pelo mundo mental, ainda que inconscientemente. Não sendo assim ser-lhes-ia impossível trazer a energia necessária para enfrentar uma nova vida sobre a Terra.

Os habitantes do primeiro plano astral estão quase em contínuo contato com o mundo mental. Basta-lhes concentrar seu pensamento para que desapareçam as belas cores, as variadas formas, os sustidos sons astrais e se encontrem no mundo da luz perene. No entanto, esses grandes seres sofrem enormemente ao passar do mundo mental ao astral, do estado de mente em si ao estado de mente definida. Se bem que muitos nunca tomem vestes físicas, já é um grande sacrifício para eles tomar a veste astral. Neste plano as almas se vêem como luzes resplandecentes. Quando trabalham se expandem e refletem em si todas as outras almas. Quando se reconcentram fazem-se diminutas, porque adquirem a grandeza do espírito. Sua linguagem é criação; seus atos se plasmam no mundo material.

No mundo mental as almas se reconhecem entre si pelo brilho de suas luzes, e se amam espelhando-se umas nas outras.

No mundo mental não existe tempo. Unicamente existe a duração. Diferentemente do mundo astral, as dimensões nem se ampliam nem se reduzem à vontade, nem se multiplicam.

No mundo mental as almas vivem um êxtase perfeito e contínuo; um verdadeiro ensaio de beatitude eterna.

Poder-se-ia dizer que aqui também há sete planos diferentes, e que o plano a que a alma pertence depende de seu desenvolvimento e da duração de seu êxtase.

A GRUTA DE RAS

Sétima Ensino

Tudo o que está oculto será revelado algum dia. Disse Jesus que até os atos mais insignificantes das criaturas iam ser conhecidos.

A simbologia esotérica chama de Gruta de Ras o lugar onde estão registrados os fatos vividos por todos os seres, passados e presentes. Pertence ao sétimo plano do mundo mental. Chama-se Gruta porque é um lugar oculto e de difícil acesso. Dá-se-lhe o nome de Ras porque Ras é símbolo do sol, da mente.

O ser que chegou a um altíssimo estado de evolução em sua ascensão para os mundos superiores encontra um lugar maravilhoso e impossível de descrever que lhe chama poderosamente a atenção. A descrição que se dá a seguir só pode dar uma vaga idéia da Gruta de Ras.

Poder-se-ia dizer que o ser se encontra numa gruta fantástica e imensa, semelhante às grutas de água subterrânea. As luzes, em vez de ser produzidas pelos reflexos da água sobre as paredes, provêm de vibrações tão elevadas que nem mesmo os seres astrais as poderiam tolerar. Uma vez que o ser se habitua ao lugar, nota que cada ponto de luz encerra em seu centro uma luz brilhantíssima, e sobre esta se refletem de forma microscópica visões de pessoas, povos e lugares de outros tempos.

Existem ali quatro dimensões. Se o ser se concentra, cada fato se reproduz desde o momento em que começou até o que terminou; se relaxa sua atenção, os fatos se mostram de maneira retrospectiva. Se algum aspecto de um fato determinado lhe chama a atenção, esse aspecto se desenvolve detidamente em todos os seus detalhes. Se se propuser, o ser pode ver o que desejar, desde o começo dos mundos e as primeiras manifestações de vida.

Na Gruta de Ras não se encontram entidades de forma permanente. É custodiada unicamente pelos Senhores do Destino.

Muito poucos seres entram na Gruta de Ras. Quando as altas entidades a visitam, mesmo elas são guiadas por Mestres Superiores. No entanto, o vidente pode ter vislumbres das cenas maravilhosas registradas nos Anais Akásicos da Gruta de Ras. Quando Helena P. Blavatsky escrevia a “Doutrina Secreta” dizia: “Passam diante de meus olhos, vertiginosamente, paisagens, raças e civilizações perdidas”.

OS MUNDOS DOS DEVAS

Oitava Ensino

Os seres que transcenderam o plano da humanidade moram em planos superiores chamados “Mundos dos Devas”. Existem neles três cadeias de Hostes construtoras: a Hoste da Sombra, a Hoste da Humanidade e as Hostes Estelares.

A Hoste da Sombra dirige o desenvolvimento dos elementais da roda terrestre. São anjos radiantes que influem sobre o mundo material unicamente por concentração. Seu pensamento se concentra sobre a tarefa que têm que executar; quando tiverem gerado formas que possam desenvolver-se sós por um determinado lapso, estes anjos se reconcentram em si mesmos, perdem todo o controle da vida que manifestaram ao seu redor e permanecem fixos, introspectivamente, recebendo a mensagem da Hoste da Humanidade.

A Hoste da Humanidade é composta de arcanjos que dirigem sua tarefa por intermédio da Hoste da Sombra. Todas as ondas de vida humana passam pelo prisma septenário de suas consciências e vontades. Isto se reflete no mundo material na evolução dos grupos humanos e dos diferentes tipos de seres.

Esses arcanjos não têm períodos de concentração ativa e períodos de concentração passiva; unicamente possuem consciência em si que, ao passar através de suas mentes, toma vontade de ação. Este excelente estado de contínua meditação nunca se interrompe; sempre existe e se expressa no mundo só por reflexão através da Hoste da Sombra.

Assim como a gota de água reflete a luz do sol, a felicidade destes arcanjos é refletir em si a imagem espiritual das Hostes Estelares, os Principados.

Os Principados são os construtores das cadeias planetárias. Cada astro, cada estrela, cada planeta, constitui seu corpo material. No entanto, esse corpo material não os afeta porque eles são de natureza substancialmente divina. A Hoste da Sombra é periodicamente vontade e periodicamente consciência. A Hoste da Humanidade é consciência e vontade simultaneamente. As Hostes Estelares são unicamente consciência.

Os seres da evolução atual não podem experimentar estes estados divinos; só podem intuí-los.

Os grandes Iniciados Solares transmitem a luz das Hostes Estelares e os Iniciados Lunares refletem a Luz da Hoste da Humanidade. Os Iniciados do Fogo, grandes agentes de transmutação dos elementos, são influenciados pela Hoste da Sombra.

Se bem que nenhum ser entrará no Mundo dos Devas até depois de ter passado todo o ciclo da vida terrestre, muitos grandes seres, ao chegar a seu umbral, recebem em alto grau a influência deste mundo espiritual. Alguns chegam até um estado intermediário, onde encontram as palavras: “Não passarás”.

As outras Hostes existentes, que são mencionadas a seguir, não pertencem aos Mundos dos Devas. Depois das Hostes Estelares seguem-se: a Hoste das Formas ou Potestades, a Hoste da Linguagem ou Virtudes, a Hoste do Pensamento ou Dominações, a Hoste da Linha ou Tronos, a Hoste do Som ou Serafins e a Hoste dos Números ou Querubins.

O SER HUMANO COMPLETO

Nona Ensino

O ser humano é um microcosmo, um universo em miniatura. Conhecer bem o complexo externo e interno do ser humano é como conhecer o universo.

Da mesma forma que o cosmo, o ser humano é ternário e septenário em sua estrutura.

Não há realmente uma diversidade no ser humano, mas vibrações de diferente tonalidade, desde a mais forte e sustida até a mais suave e imperceptível.

O ser humano sai do Manancial Eterno, densifica-se através de múltiplas formas e expressões, para retornar a Ele, já sutilizado, sem que a substância fundamental tenha mudado.

Para compreender estas mudanças é indispensável dividi-las e estudá-las de forma separada.

Como ternário o ser humano é:

1. Espírito
2. Alma
3. Corpo

O corpo é a parte já conhecida do ser humano. Todos os seres são regidos por uma mesma lei biológica que os diferencia segundo o grupo, o clima e o tempo a que pertencem.

A alma é a mente do ser humano; é real pelas manifestações que a determinam, se bem que seja invisível por sua espécie.

O espírito é a essência substancial divina no ser humano; só se expressa na alma do ser humano como potencialidade unitiva e imanente, ou como atividade individual criadora. Em si o espírito é simplesmente o que é e permanece eterno, invariável, indivisível e ignorado.

Tudo muda, o corpo e a alma do ser humano se transformam continuamente; mas o espírito permanece sempre em seu estado original.

O ser humano ternário é simultaneamente septenário se for dividido nas seguintes partes:

7. Corpo físico
6. Corpo astral
5. Corpo energético

Estas três partes constituem o corpo do ser humano.

4. Mente instintiva
3. Mente compreensiva
2. Mente intuitiva

Estas três partes constituem a alma do ser humano.

1. Espírito

Os seis princípios, coroados pelo espírito, formam o ser humano completo.

O corpo físico é o instrumento; por meio dele, a alma adquire experiências externas e se habilita no manejo e domínio dos elementos.

O corpo astral é um molde sutil e perfeito do corpo físico. Suas vibrações áuricas permitem que os desejos da alma se transmitam ao corpo e que os resultados das experiências do corpo sejam conhecidos pela alma.

O corpo energético é a parte luminosa e sutil do corpo completo; une a parte inferior e material à parte anímica do ser humano.

Entre estes distintos corpos existem moldes ou laços de conexão, semelhantes à película aderida à casca do ovo.

A mente instintiva é o depósito da alma. Nela estão registradas todas as experiências feitas e também nela se originam os impulsos que se expressam no ser humano. A mente instintiva é o grande registro do subconsciente.

A mente compreensiva é a parte da alma que analisa as idéias e controla os sentimentos; observa o material exposto, considera os resultados e não permite que o instinto prevaleça sobre o entendimento.

O ser humano atual está desenvolvendo esta parte da alma. Se bem que ainda não possa dominar todas as manifestações do instinto, já não é puramente instintivo.

A mente intuitiva, que os homens do futuro desenvolverão, é a potência da alma que conhece as coisas em si e as expressa sem variantes.

DO SER HUMANO AO COSMO

Décima Ensinança

Não há lei que não tenha outra similar a ela. O grande se resume no pequeno, e o diminuto é imagem da imensidão. Um princípio único, básico e invariável se expande até o infinito e se contrai até o infinitesimal. Deste ponto de vista pode-se dizer que não há nada de novo debaixo do sol.

O Princípio Cósmico que potencialmente não tem diferenças, no universo se expressa como mente, energia e matéria; movimento, ritmo e forma. Estas três substâncias fundamentais se sucedem de forma ininterrupta durante toda a Manifestação Cósmica aproximando-se, fundindo-se entre si e separando-se; em contínuo devenir, desde o menor até o maior, criando, formando, conservando e destruindo todas as formas de vida.

O Princípio Cósmico, ao identificar a si mesmo manifestou-se e criou o universo fora de si. Com este ato espontâneo e puro ficou preso dentro de um grande karma divino que se esgotará no instante em que a Criação se restitua por completo, “por si”, ao seio de seu Criador.

O ser humano é uma imagem do macrocosmo. Nele estão todas as formas e possibilidades. O ser humano é o ponto culminante que indica o término da involução e o princípio da evolução, pois resume em si as formas mais diminutas e é, ao mesmo tempo, um reflexo do Cosmo. Seus ossos recordam sua passagem pelo reino mineral; seus órgãos e vísceras recordam o antigo reino vegetal e seus impulsos passionais têm toda a gama que se apresenta na escala zoológica. O ser humano conquistou seu livre-arbítrio a muito custo e ao longo de um árduo caminho. A Lei Arbitral de Possibilidades estende diante dele a imensidão do campo mental para experimentar.

A alma do ser humano percorre o caminho de sua evolução em etapas, ciclos e mudanças ao compasso dos movimentos, ritmos e formações cósmicas.

As etapas fundamentais da vida humana correspondem ao grande movimento vibratório dual que sustenta o universo através da expansão e absorção rítmica da Substância Cósmica. O estado potencial sucede o estado ativo e assim sucessivamente, de Eternidade em Eternidade.

A Substância Cósmica, em sua trajetória de expansão através do universo se dispersa em sete formas diferentes, como o raio de sol se divide nas cores fundamentais ao passar pelo prisma, e forma os sete raios cósmicos que compõem todas as expressões de vida.

Os acontecimentos humanos, assim como os sistemas zodiacais e solares, também estão sujeitos ao ritmo septenário. Poder-se-ia dizer que, aproximadamente, a criança aponta o primeiro dente aos sete meses, aos catorze começa a caminhar; aos sete anos se reconhece como entidade individual e se faz adolescente aos catorze.

As mudanças da vida manifestada são inúmeras, mas sempre septenárias. O contínuo devenir é o que constitui a beleza dos mundos. No ser humano as transformações são incessantes. Ele não sabe o que o espera no próximo instante, mas sabe que haverá mudanças. E através de mudanças, ritmos e etapas, o ser humano vai rumo à unidade.

FATALISMO E ORIENTAÇÃO

Décima primeira Ensinança

A Lei de Predestinação Consecutiva leva o ser humano a nascer na ronda e no grupo a que pertence. Estes, por sua vez, dotam-no das qualidades e deficiências que os caracterizam. Mas, dentro desse círculo, o ser humano possui um campo magnético próprio onde pode se desenvolver livremente e desenvolver plenamente o potencial que a Lei Arbitral de Possibilidades lhe oferece.

Apesar de todas as cargas patológicas, psíquicas e espirituais que o ser humano possa trazer consigo desde o além, há escondida nele uma chispa maravilhosa que a cada passo o inspira a esforçar-se e progredir, como se lhe dissesse: “És livre; és parte do Ser Divino; luta e vencerás”.

A crença num destino inexorável tem causado infelicidade e promovido a escravidão. As religiões que ensinam que o destino é irrevogável fomentam a tirania, a covardia e a inércia nos seres humanos. Aceitar às cegas o que o destino possa lhe deparar não promove o adiantamento; pelo contrário, estimula a irresponsabilidade e, em muitos casos, a covardia disfarçada de arrojo. Lançar-se a uma morte cega numa guerra reputada sagrada porque “está escrita” no destino não é a maneira de promover o desenvolvimento dos povos.

A crença em que tudo o que acontece é o resultado do destino move a contemplar desdenhosamente, sem a menor compaixão, os sofrimentos dos seres humanos. Esta atitude levou ao atraso os povos que acreditaram dessa maneira.

Para que o ser humano pudesse descobrir o alcance de suas possibilidades, teve que abandonar a idéia de um destino inexorável, divinamente pré-estabelecido, e mergulhar ainda mais na matéria. Surge assim o investigador positivista e atento do século XIX que, desprendendo-se do passado, despojando-se dos credos e dos costumes, desenvolve sua capacidade de análise, penetra nos mistérios da matéria e mostra o poder da vontade e do livre-arbítrio do ser humano.

A civilização adiantou-se muito lentamente durante séculos; mas nos últimos cem anos a afirmação do poder humano levou o mundo a um adiantamento assombroso.

No entanto, o ser humano não pode confiar unicamente em seu livre-arbítrio e em sua vontade. Não pode realizar tudo, nem pode compreender grande parte do mundo que o rodeia. Ainda não pode responder às perguntas fundamentais tais como o que acontece depois da morte e o porquê das manifestações da natureza.

É necessário aprender a harmonizar a Lei de Predestinação Consecutiva com a Lei Arbitral de Possibilidades. A primeira lei explica o devenir do ser humano, a origem da vida e o que o espera depois da morte. A segunda deposita em suas mãos o cetro do domínio e do poder e lhe oferece infinitas possibilidades.

O DESTINO

Décima segunda Ensinança

O ser humano passa por inúmeras experiências e provas ao longo da senda que o leva à liberação. Ele deverá nascer muitas vezes e assim fazer a experiência de ser homem, mulher, grande, pequeno, rico e pobre.

A variedade dos destinos humanos só pode ser explicada se se aceitar que a vida é sujeita a um plano de evolução.

Tudo o que acontece é resultado de uma vibração que se materializa e torna depois a re-integrar-se a seu estado primário. O fato de hoje é resultado do acontecido ontem; os pensamentos e o trabalho deste momento darão seu fruto amanhã. A miséria e a dor que um ser humano experimenta hoje, outros o sofreram no passado e o experimentarão no futuro. Não há injustiça, mas variabilidade a respeito do momento em que cada ser humano faz suas experiências.

Todos os seres humanos passam pelas mesmas experiências num momento ou noutro. Descem do espírito para a matéria e da matéria regressam ao espírito. Este plano de evolução é chamado Lei de Predestinação Consecutiva. Esta Lei é ternária e se divide em:

1. Lei Pessoal
2. Lei Causal
3. Lei Coletiva

A Lei Pessoal corresponde unicamente ao ser humano e sua evolução. O ser humano forja em sua consciência os desejos que o impulsionam a agir de um determinado modo. De sua maneira de atuar depende sua vida futura.

O ser humano de hoje é o resultado de seus desejos, pensamentos, sentimentos e ações de ontem. O ser humano de amanhã é o efeito das causas que produz hoje.

O ser humano pode influir sobre seu destino. Liberando-se da escravidão dos desejos e através da ação reta e do bom pensamento gera um destino feliz. Por este motivo todos os instrutores religiosos insistiram tanto em arraigar costumes saudáveis e ações nobres nos povos.

A Lei Causal vincula o destino de cada ser humano com as ações do grupo a que pertence. Ela faz com que cada ser humano expie os fatos produzidos pelo grupo no lugar e no tempo em que lhe corresponde viver, mesmo quando esses fatos estejam fora do alcance de sua vontade pessoal. Por exemplo, num povo onde rege a pena capital, os que condenam à morte participam da Lei Causal e não da Pessoal. Outro exemplo é o das pessoas que comem carne; elas arcam com a responsabilidade da matança dos animais, mas como esse fato está circunscrito dentro do plano de evolução atual e do desenvolvimento do grupo a que pertencem, essa responsabilidade não é mais do que causal. O sacrifício que viver em sociedade de acordo com o que as convenções da época exigem, é também um resultado da Lei Causal.

A Lei Coletiva vincula o destino de um ser humano com os efeitos que seus atos produzem sobre os grandes grupos humanos. Um mau governante, por exemplo, prepara para si um destino de dor, pois as antipatias que seus atos originam perduram em outras vidas; em troca, um governante que age com justiça e acerto gera um bom destino.

A Lei Coletiva também se expressa na responsabilidade que uma família, uma comunidade, um povo, uma nação, assumem em conjunto. Quando um país se declara em guerra, todo o povo é responsável coletivamente por essa guerra.

Se bem que seja bom pensar que o sofrimento humano é fruto de ações passadas, não se deve atuar de maneira egoísta, especulando para conseguir um destino feliz para si mesmo. Esse egoísmo geraria um destino ainda mais difícil de superar. O que verdadeiramente libera é atuar retamente, trabalhar por trabalhar, sem atar-se ao fruto da obra.

A GRANDE ILUSÃO

Décima terceira Ensinança

Os filósofos das religiões panteístas sustentam que se Deus é o Indiferenciado, o Incognoscível, defini-lo seria negá-lo. Deste ponto de vista, tudo o que existe, que é definido e variável, não pode ser mais do que uma quimera. Em troca, para os dualistas e deístas, seria uma blasfêmia dizer que tudo o criado é ilusão, porque eles consideram que tudo o que existe é parte integral de Deus.

O que é, então, o que nos rodeia – uma realidade ou uma ilusão?

A manifestação universal não pode ser uma realidade única como finalidade. Pensar assim seria limitar a algo a idéia de Deus, que está fora de todo conceito; mas tampouco pode ser ilusão a maravilhosa sucessão de fatos que constitui a vida do universo.

O universo manifestado é uma realidade, tão real como o Indiferenciado, o Incognoscível; mas assenta sua realidade no contínuo devenir. É realidade o existente? Sim, é realidade; mas não por ser o Eterno em si, senão porque é o Eterno em sua manifestação. Deus é Imanifestado, Indefinível e Indescreível: Imóvel em si. O universo visível é sua inversão, a Expiração divina. O que vem do Eterno é também eterno e real; não é a realidade em si, mas o devenir da única realidade. Esta realidade é ilusão enquanto idéia de mudança contínua. É chamada ilusão não porque se lhe queira atribuir um valor negativo ou porque se a considere um sonho, uma fantasmagoria, mas por seu contínuo movimento, por sua variabilidade.

O conceito Vedanta de Maya, a ilusão, refere-se ao contínuo devenir, à perene transformação de todas as coisas.

Deus não pode ser nomeado, é Aquilo que jamais varia em sua natureza; mas sua manifestação é Ired, o que muda continuamente. Por isso é acessível ao conhecimento como uma unidade expressa por antítese.

A manifestação divina é a Grande Ilusão que, em contínuos vórtices, descende do Princípio Raiz e torna a ascender até o Princípio Eterno.

Não se pode renegar a manifestação universal, pois é a base dada ao ser humano para que, passo a passo, aprenda a reintegrar-se ao divino através do conhecimento.

No entanto, limitar-se dentro do conceito da manifestação seria deter-se no caminho, pois o caminho da evolução é uma marcha contínua para o Eterno.

A Grande Ilusão é a realidade cambiante. Seu nome encerra o segredo do incognoscível quando se faz cognoscível.

A LIBERAÇÃO

Décima quarta Enseñança

Apesar de que o destino dos seres humanos é a liberação, a escravidão do desejo pesa gravemente sobre eles. Em vez de ir desembaraçando-se dos laços que os atam, envolvem-se cada vez mais na cadeia da dor.

Mesmo quando os seres humanos clamam pela liberdade, esta é para eles uma esfinge, uma Isis velada. A humanidade é escrava dos instintos, escrava das enfermidades, escrava da velhice, escrava da morte. Os seres humanos anseiam por liberar-se e por isso dão extrema importância à idéia de que alcançarão a felicidade na vida futura, nos mundos superiores. Mas se não se elimina o desejo nesta vida, a esperança na felicidade do além é uma quimera e não ajuda a liberar-se; simplesmente encerra numa jaula maior. Escapa-se da jaula material para se encerrar numa jaula mental.

Tampouco se consegue a liberação tratando de se desligar da vida afirmando que tudo é ilusão, que nada vale a pena, que amar e sofrer são ataduras. Se o ser humano se nega a cumprir as leis da vida cai facilmente na limitação produzida pela indiferença e pela apatia. A liberação só se alcança pela ausência do desejo e não desprezando tudo para evitar as consequências do desejo.

A liberação se alcança vivendo a vida sem desejá-la, abraçando a dor sabendo que é a força que impulsiona a superar as misérias humanas. E, sobretudo, trabalhando por trabalhar, sem esperar recompensas. Não se supera a ilusão desprezando-a, mas conhecendo-a; e se a conhece quando não se ata a ela.

A ausência de desejo permite a liberação interior porque faz com que a alma não se identifique com o objetivo de sua experiência.

Viver e amar é participar da Eternidade se se vive e se ama com o pensamento posto unicamente no fim real. Quando a vida não ata, quando o ser humano cruza as sendas da manifestação conhecendo, realizando, cumprindo, mas sem apegar-se a nada, identifica-se com a vontade divina, que é o portal da Eternidade. Bem disse Schopenhauer que o princípio do manifestado foi a vontade e que por vontade foi feito o universo.

À ausência do desejo, que leva à união divina ou liberação, chega-se por quatro caminhos:

1. Pelo do Amor Real.
2. Pelo de Assistência e Trabalho.
3. Pelo da Ascética Mística
4. Pelo da Enseñança

Estes quatro caminhos são um na realidade, porque se bem que mostrem distintas vias, todos levam a alma à realização espiritual.

O sábio e o santo se encontraram um dia e conversando se deram conta de que os dois conheciam as mesmas verdades. O sábio perguntou ao santo: “Como sabes o que me custou tantos anos de estudo?”, e este respondeu: “Sei porque o sinto, assim como tu sentes porque o sabes”.

O amor é o princípio do caminho. No universo, tudo é expressão de um único amor. O amor humano é uma miniatura do amor divino; por isso, aquele que ama pode chegar à liberação.

Por amor se realizam atos heróicos, perdoam-se as faltas, praticam-se as virtudes, embelezam-se a feiúra. O amor une o bem e o mal, a alma e o espírito, o finito e o infinito. Jesus disse a Maria Madalena: “Muito te foi perdoado porque muito amaste”; e Ramakrishna repetia: “Começa-se pelo amor e se termina com o amor”.

Inúmeras almas, aparentemente ignorantes, sem ter efetuado feitos extraordinários, chegaram à união divina pelo amor. Bem disse Teresinha de Lisieux: “Minha vocação é amar”.

Assistência e Trabalho é o caminho dos valentes. É duro de percorrer; está cheio de provas e de obstáculos. O caminho da ação é difícil, mas finalmente transforma o objetivo do trabalho no ideal da união divina.

Os paladinos da civilização e do progresso trabalharam sempre de forma incansável, apesar de que muitas vezes foram desprezados e ultrajados. Eles perseveraram em suas obras porque não esperavam uma satisfação imediata por seu trabalho; sabiam que o verdadeiro fruto do trabalho permanece sempre, ainda que nem sempre seja acessível para a míope visão humana.

O caminho da Ascética Mística é o mais árduo mas o mais seguro. É difícil manter uma contínua introspecção para conhecer-se e conseguir um autocontrole espontâneo, mas o fazê-lo dá resultados surpreendentes e conduz à liberação interior. Os seres que seguem este método pulverizam a si mesmos fisiológica, psíquica e astralmente, até que alcançam a liberação espiritual. Os passos a seguir neste caminho são a meditação, a concentração, a contemplação, o êxtase e, por último, a união divina.

Alguns crêem que o caminho de Assistência e Trabalho é mais útil do que o da Ascética Mística, pois ajuda mais diretamente a humanidade. Mas essas pessoas esquecem que a ajuda fundamental emana da mente, da força do pensamento. É indubitável que a ação direta é indispensável; mas também o é a tarefa mental. Sem esta a obra não poderia se sustentar. Os Iniciados Solares de Quarta Categoria ajudam diretamente a humanidade com sua tarefa pública de ensinança e sacrifício; mas para manter a Idéia Mãe sobre a Terra, os Iniciados Solares de Terceira Categoria realizam de forma permanente uma tarefa exclusivamente mental.

O caminho da Ensinança é o do estudo e do conhecimento. O investigador atento, o cientista tenaz, o filósofo e o teólogo criam, com seu esforço, novas vias de desenvolvimento no campo mental da humanidade e dessa maneira multiplicam continuamente as possibilidades dos seres humanos. O estudo continuado permite compreender os mistérios da natureza e do Cosmo. O conhecimento ilumina a mente e conduz para a liberdade interior. Disse Jesus: “O conhecimento vos fará livres”. Através de longos anos de especulações iluminativas, o estudante vai descobrindo as verdades fundamentais do universo. Essa expansão permanente do saber assinala um caminho seguro de liberação.

A REENCARNAÇÃO

Décima quinta Ensinança

O ser humano evolui através de numerosas reencarnações até alcançar a liberação. Se bem que seja certo que não recorda suas existências passadas, conserva, no entanto, o fruto espiritual que as experiências realizadas lhe deixaram.

Ainda que não seja possível enumerar as vidas de um ser humano sobre a Terra, pode-se dizer que começou a encarnar sendo completamente ignorante e que deixará de encarnar quando se liberar dos desejos que periodicamente o fazem retornar à Terra.

No caso de seres pouco evoluídos, as paixões os impedem de elevar-se aos planos superiores e os impelem a reencarnar rapidamente. Em muitos casos, depois de um brevíssimo descanso no sexto plano astral, buscam ansiosamente uma morada física e reencarnam.

Os seres muito evoluídos também podem voltar rapidamente à Terra se têm que cumprir uma missão especial. Se bem que não os atraia a matéria física, podem reencarnar porque são capazes de despojar-se facilmente dos corpos sutis, e isso lhes permite adquirir um corpo físico.

Às vezes ocorrem anomalias astrais que dão lugar a casos excepcionais. Por exemplo, o de pessoas que se lembram de sua encarnação anterior, ocorrida muito poucos anos antes. Trata-se de seres que morrem e voltam rapidamente à Terra sem passar primeiro pelo sexto plano astral nem desembaraçar-se do corpo etéreo. Por isso recordam sua vida anterior.

Na maioria dos casos os seres reencarnam sete vezes com aspecto feminino e sete vezes com aspecto masculino, com exceção dos Grandes Iniciados, os quais tomam o aspecto mais adequado à realização de sua missão.

Os seres humanos comuns reencarnam periodicamente cada setecentos anos, aproximadamente; mas os mais evoluídos demoram muito a reaparecer sobre a Terra. Para voltar, eles esperam a coletividade a que pertencem. Às vezes, grupos completos encarnam em conjunto.

Geralmente não se reencarna na mesma raça nem no mesmo povo, a menos que a alma tenha deixado descumprida a tarefa que devia realizar na vida anterior. Muitas vezes se terminam numa vida obras começadas em outra. Algumas tarefas necessitam várias vidas para ser realizadas.

Os seres humanos não voltam sós à vida sobre a Terra, mas junto com um determinado grupo de almas com as que depois têm vínculos familiares, afetivos e de amizade. Dão-se muitos casos de seres que desenvolvem juntos uma mesma tarefa ao longo de várias encarnações. Os que hoje estão reunidos não se conhecem de hoje nem de ontem, e a morte não impedirá que continuem reunidos.

Alguns seres humanos, mesmo sem ter alcançado a liberação, não voltam mais à Terra porque já são aptos para continuar sua obra a partir dos planos astrais.

A crença na reencarnação é extremamente consoladora, porque explica de maneira muito lógica o porquê das desigualdades humanas.

O DESCENSO À TERRA

Décima sexta Ensinança

Nos planos superiores as almas gozam de uma atmosfera límpida e livre. Nada chega até essas elevadíssimas regiões onde os seres brilham como estrelas. Mas quando esses seres, mesmo os de grande adiantamento espiritual, esgotam o caudal espiritual que os fez morar no primeiro plano do mundo astral, um vago desejo de ação começa a deter o maravilhoso rodar de suas luzes. As lembranças de amor e de vida turvam a paz do ambiente e os impelem a voltar ao plano material. Uma espécie de sono profundíssimo envolve essas almas e torna cada vez mais débil seu brilho. Como novas Walkirias adormecidas pela voz do amor, elas descem dos planos mentais e concentram toda a força de suas consciências no primeiro plano do mundo astral. Dali descem ao segundo e terceiro plano astral, onde as possibilidades das almas se unem aos fatores mentais que deixaram atrás de si em sua ascensão aos planos superiores. Já estão aptos para a vida humana.

Também a aspiração das almas menos evoluídas chega até o terceiro plano astral antes de reencarnar, para concentrar o potencial da nova vida que vão desenvolver sobre a Terra.

Nos sucessivos planos astrais as almas se revestem do corpo energético e do corpo astral, aptos para a missão que têm que cumprir no mundo. No sétimo plano astral, aguardam-nas os instintos e as obras más que não foram expiadas. Lá formam o corpo etéreo, que é o molde definitivo do corpo físico.

Uma vez mais as almas terão que esquecer as esferas de luz onde moraram e se vestirão com a capa de carne, sangue e dor. Terão que começar outra vez, lutar e ver como a vida escorre de suas mãos, deixando-lhes só a essência das recordações.

É a hora solene do sacrifício da crucificação: um espírito divino se crava sobre a cruz da carne.

A alma procurou liberar-se para sempre. Mas o destino a chama e a força a descer das alturas da divindade até as sombras da matéria.

Todos os seres humanos que estão na Terra gozaram de uma paz perfeita por um certo tempo, de acordo com seu adiantamento espiritual. No entanto, esse gozo não é a realização espiritual final. A liberação verdadeira está além de todo desejo, inclusive daquele de uma paz perfeita. A alma liberada põe-se em contato com a serenidade universal, eterna.